

OS SALTIMBANCOS

20.5.49 RUBEM BRAGA

O QUE mais me emocionou nesse "Ballet des Champs Élysées" que está no Municipal foi a história do circo de feira. Aquêles pobres saltimbancos de aldeia que armam sua barraca e se põem a dançar e fazer mágicas têm toda a graça e misterio da arte que foi o grande encantamento de nossa infância: o circo.

Vamos, uma vez por semana, ao cinema, assistir às séries de Eddie Polo ou Pearl White. Mas aquilo é a uma rotina, ainda que saborosa.

A chegada do circo era um acontecimento. Os artistas do circo eram de carne e osso e, entretanto, participavam da vaga irrealidade da gente de cinema. Eram se eles caídos de súbito do céu e que voltariam de repente ao seu misterio azul e, entretanto, estavam ali — homens, mulheres, meninos, que olhavam como se fossem heróis ou anjos.

Lembro-me ainda do espanto com que, mealmo, me aproximei de um garoto que vira trabalhar no picadello. Vira-o na sua malha, a dar saltos e cambalhotas; vira-o passando as solas de sapato no giz, lançando-se ao trapézio, enfrentando sério, perfeito, compenetrado, e bem penteado, o perigo de morte que a charanga tornava tremendo com um silêncio pesado e interminável em meio aos seus dobrados. Vira-o agradecer as ovações do público e sumir-se para o fundo coberto de glórias, como um pequeno deus que se recolhe ao misterio da própria glória. E agora estava em minha frente vestido como um menino comum, comendo, como eu mesmo, um pé-de-moleque.

Não, não estava vestido como um menino comum, como qualquer de meus companheiros. Sua roupa trazia a marca das grandes cidades — e, para começar, no lugar da nossa tosca botina preta cujo bico estava gasto e esbranquiçado de chutar pedras pela rua — ele tinha sapatos.

Já vira um único menino, filho de um lojista, um menino que estudava em um internato do Rio e fora passar as férias no interior — calçando sapatos no lugar de botinas. E aquilo me parecera a mostra suprema da elegância. Mas os sapatos do menino

do circo eram incomparáveis, de duas cores: branco e amarelo. E tinha calça e paletó de casimira, tinha um boné de um verde cinza...

Embora eu estivesse completamente perturbado pela presença do semi-deus, ele trocou algumas palavras comigo. Compreendi então que até sua linguagem era, como não podia deixar de ser, diferente da nossa. Ao pedaço de bambú que eu tinha na mão, com a linha e o anzol, ele chamou caníço. Eu nunca ouvira essa palavra. Aquilo para nós era iba — e caníço me pareceu uma palavra estranha e supremamente elegante.

Lembro-me que depois desse encontro, quando estava com outros meninos na beira do rio a pescar piabas e moréias, tive vontade, a certa altura, de usar aquela palavra nova. Com um ar distraído, disse que o meu caníço não estava muito bom, mas o menino ao meu lado não prestou atenção. Disse outra vez aquela palavra mágica que me fazia importante, que me dava uma secreta superioridade sobre os outros. Mas outro menino disse apenas:

— Hein? Ah, cala a boca, não espanta o peixe...

Guardei a palavra, tímido, quase envergonhado. Foi reencontrá-la depois, comovido, em um livro de leitura. E anos mais tarde, quando li em um almanaque a frase célebre "o homem é um caníço pensante" ainda me lembrei do menino do circo.

Outra palavra que me perturbou e seduziu — eu deveria ter 15 anos e nunca tinha ouvido falar francês — foi em uma calçada do Rio. Foi exatamente ali perto do Municipal. Uma senhora esbarrou comigo. Senti, em um instante, ao mesmo tempo que o embaraço pelo encontro, e uma onda de perfume fino, que ela dizia: "pardon". Voltei-me depois que ela passou: era certamente uma francesa e me pareceu linda, com um vestido leve e esvoaçante, de chapéuzinho. Senti-me grosseiro por não ter dito nada, em minha atrapalhão — e aquela palavra "pardon", vinda da mulher fascinante e estranha envolta naquele perfume, nunca mais a esqueci.

Foi talvez, pensando essa bobagem e outras, que eu senti os olhos úmidos quando Danielle Darmance, depois de sua acrobacia maravilhosa, vestiu a roupa humilde e saiu andando pelo fundo do palco, linda e triste, enquanto se desarmava a barraca do circo.

Emoções misturadas de infância e adolescência, perdidas e esquecidas há muito tempo que esses saltimbancos de Paris resuscitam com sua graça de milagres.

O Homem Rouco